

ABORDAGENS TEÓRICAS E PRÁTICAS EM PESQUISA

COORDENADORES

Patricia Bieging

Raul Inácio Busarello

ISBN 978-85-7221-509-1
2025

*Eloá Melo de Moura
Arlete Ribeiro Nepomuceno
Vera Lúcia Viana de Paes
Maria Clara Gonçalves Ramos*

A VARIAÇÃO
LINGUÍSTICA NO
ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA:
UMA ANÁLISE DE LIVRO
DIDÁTICO PARA O 6.º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL

RESUMO:

Este artigo objetiva analisar atividades, textos e as orientações do Manual do Professor que abordam a variação linguística no livro didático *Português linguagens* (2022), direcionado ao 6º ano, com vistas a verificar se propicia ao aluno o alcance de competências e habilidades previstas na BNCC. Teoricamente, a análise baseia-se na Sociolinguística Variacionista, a partir de estudos de Labov (2008), Calvet (2002), Ilari e Basso (2009) e Camacho (2004), em diálogo com estudos sobre preconceito linguístico (Bagno, 2007). Somam-se aos estudos sobreditos considerações sobre o livro didático e do Manual do Professor como um suporte didático-pedagógico, nos termos de Lajolo (1996), Nóbrega (2008) e Marcuschi (2003). Justificado pela importância do livro didático nas escolas, visto como o principal recurso de apoio didático-pedagógico de professores e alunos. Metodologicamente, para atender ao objetivo, selecionamos, como objeto de análise qualitativo-interpretativista, atividades e textos do livro didático, presentes na seção *A língua em foco*, além de uma atividade complementar sugerida pelo Manual do Professor, ao final do livro. Aventamos a hipótese de que os exercícios da seção sob análise dariam ênfase à variação diatópica em regiões brasileiras, evidenciando a existência do preconceito linguístico, de modo a instigar discussões em sala de aula, bem como de que Manual do Professor recomendaria atividades complementares dinâmicas relacionadas ao conteúdo. A análise evidenciou a ausência de elementos importantes para a abordagem da variação linguística no ensino de língua, não sendo, nos exercícios, devidamente contemplados todos os tipos de variação, nem exploração do preconceito linguístico, nem apresentação de exemplos fonético-fonológicos e morfossintáticos de variação. Em vista disso, concluímos que o livro didático analisado precisa de adaptações significativas do docente para uma abordagem adequada da variação linguística no ensino fundamental.

Palavras-chave: Variação linguística; livro didático; manual do professor; ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

Este estudo fundamenta-se no enquadramento teórico da Sociolinguística, para a qual a língua é uma instituição social, relacionada ao contexto sociocultural, histórico e situacional das pessoas de que dela se valem na comunicação, tendo como pano de fundo a língua falada em conversações espontâneas, nas quais o falante, usuário da língua, deve se preocupar mais com o que quer dizer, e não com o como deve dizer.

Assim é que, muito embora o termo sociolinguística tenha surgido desde os anos 1950, somente a partir dos anos 1960 passou a ser considerado como teoria linguística, sobretudo com trabalhos de Labov, Gumperz e Hymes, preocupando-se, em linhas gerais, com a aproximação entre estrutura linguística e estrutura social (Cezário; Votre, 2008).

De modo diferente do Estruturalismo, que excluiu das análises a variação, a Sociolinguística busca priorizar a variação linguística, em função de *status* sociais, região geográfica, fatores socioculturais, psíquicos, idade etc., que possam interferir na linguagem, demonstrando a natureza socioestrutural dela, não abstraindo o estudo da língua da situação de comunicação. Na consideração disso, vejamos a pertinência do que pontuam Cezário e Votre:

Esses fatores são essenciais para o estudo linguístico porque o homem adquire a linguagem e dela se utiliza dentro de uma comunidade de fala, tendo como objetivos a comunicação com os indivíduos e atuação sobre os interlocutores. Portanto, muito se perde ao abstrair a língua de seu uso real (Cezário; Votre, 2008, p. 147).

Seguindo de perto Labov (2008), com o advento da Sociolinguística, compreendemos que o elemento social deve ser considerado no estudo da língua, já que a sociedade exerce

grande influência sobre esse uso dela em variados contextos. Justamente por ter esse caráter, esse uso enfrenta um conjunto de problemas socialmente motivados, a exemplo do preconceito linguístico, no desrespeito às variedades usadas por comunidades menos privilegiadas.

Por esse motivo, documentos parametrizadores do ensino básico, entre os quais a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), abordam a necessidade de que assuntos relacionados à variação linguística sejam trabalhados em sala de aula, pois as escolas brasileiras são espaços heterogêneos; logo, haverá variedades no uso da língua por parte dos alunos, que são influenciadas por múltiplos contextos sociais.

Tendo em vista a necessidade de que os alunos do ensino fundamental II aprendam a desenvolver as noções sobre as variedades linguísticas, a norma-padrão e o preconceito linguístico, o objeto de estudo desta pesquisa será a variação linguística nos textos e nas atividades presentes em um livro didático para o 6.º ano.

Posto isso, passando em revista a BNCC, são apresentadas cinco competências referentes ao ensino fundamental que dialogam com a Sociolinguística Variacionista: uma competência de linguagens e quatro competências específicas de língua portuguesa, para as quais alunos e professores devem se atentar, como se apresenta na sequência:

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LINGUAGENS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais (Brasil, 2018, p. 65).

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

[...]

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual (Brasil, 2018, p. 87).

Somam-se às competências sobreditas habilidades relacionadas à variação linguística como objeto de conhecimento para os anos finais do ensino fundamental, entre as quais é possível verificar delas que se enquadram ao 6.º ano. Vejamos:

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico;

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada (Brasil, 2018, p. 161).

Nesse contexto, sabendo-se da necessidade e da importância da abordagem de variação linguística em aulas de língua portuguesa, no estudo empreendido, voltado a uma análise de um LD para

o 6.º ano do ensino fundamental, apresentamos a seguinte pergunta de pesquisa: o LD analisado propõe a abordagem da variação linguística em seus textos e atividades, de modo a propiciar ao aluno o alcance de competências e habilidades previstas na BNCC?

Com vistas a responder a essa pergunta, como objetivo geral, procuramos apresentar resultados de um estudo relacionado à análise das atividades e de textos que abordam a variação linguística em um LD de língua portuguesa e no manual do professor deste livro, direcionado ao 6.º ano.

Como objetivos específicos, procuramos (i) explorar conhecimentos teóricos da Sociolinguística Variacionista, a fim de discutir a aplicação ao ensino de língua materna, visando às considerações da BNCC quanto à variação linguística; (ii) analisar os textos e as atividades previstas para a abordagem da variação linguística em um LD de língua portuguesa; e (iii) comparar o que foi proposto no LD com o que é sugerido pela BNCC, explicando a eficiência da abordagem para alcançar habilidades e competências previstas.

Por envolver a fala, as atividades de variação linguística estão, geralmente, associadas aos exercícios sobre a língua falada em comparação com a língua escrita. Assim sendo, aventamos as seguintes hipóteses:

- (i) Os exercícios do LD analisado, provavelmente, enfatizam a variação diatópica no Brasil, já que, por ser um país de dimensões continentais, há diversas variantes regionais inseridas no português brasileiro, facilmente perceptíveis nas expressões e nos sotaques dos falantes no cotidiano, inclusive nas falas dos alunos;
- (ii) Os exercícios do LD explicitam a existência do preconceito linguístico, explicando, exemplificando-o e provocando discussões sobre o assunto, pois a BNCC propõe que o

ensino de língua portuguesa deva abordar a noção desse preconceito, discutindo a existência de variedades prestigiadas e estigmatizadas;

- (iii) O MP, possivelmente, recomendará atividades complementares dinâmicas para que os docentes trabalhem com os alunos.

Percebendo a linguística como ciência social, a justificativa volta-se à necessidade de se aprofundar no entendimento da não existência de uma língua una, pois toda língua apresenta fluidez, com a capacidade de assumir formas outras, a depender de quem a usa, da época ou de situações diferentes, comportando variações, em decorrência da(do) idade, *status* social, região etc. Isso posto, devemos abandonar a noção do certo e errado, com vistas a perceber que a língua é e será sempre sensível a mudanças.

A opção por analisar um LD, aprovado pelo PNLD 2024-2027, justifica-se por ser o principal recurso de apoio didático-pedagógico nas escolas, disponibilizado pelo governo federal, podendo exercer influência sobre o que a maioria dos alunos conhece sobre diversos assuntos, incluindo a variação linguística, visto como um modelo a ser seguido por escolas brasileiras públicas, e devendo estar de acordo com a BNCC.

Por que escolhemos analisar um livro direcionado ao 6.º ano? Ao realizarmos uma observação breve de algumas coleções a que tivemos acesso, pudemos notar, de forma clara, tanto no LD como no MP, o assunto variação linguística apresentado de forma mais pontual, o que não se apresentou nas outras séries, do 7.º ao 9.º ano.

Esta análise também será feita para que possamos nos dedicar a abordar elementos essenciais do ensino básico de língua portuguesa a partir do uso real da língua, corroborando o pensamento de Bortoni-Ricardo (2004), quando da observação de que é possível aplicar aspectos sociolinguísticos ao ensino de língua

materna, contrariando o senso de que essa prática ensinará o aluno a “falar errado”.

Com a intervenção dos professores e com livros didáticos que abordem a variação linguística de maneira adequada, os alunos conseguirão ampliar a competência comunicativa, apoderando-se, também, das regras linguísticas de prestígio, e monitorar-se estilisticamente, com contextos específicos de fala e escrita, sem que desenvolvam uma insegurança linguística ou desvalorizem a variedade utilizada pelo outro.

Para atingir os objetivos propostos, ancoramo-nos nos pressupostos teóricos dos estudos de Labov (2008) e de Calvet (2002), abordando a Sociolinguística Variacionista, a partir do contexto-histórico. Somam-se a esses estudos os tipos de variação, segundo Ilari e Basso (2009) e Camacho (2004), com vistas a comparar esses tipos de variações com as que foram arroladas no LD sob análise, e a discussão sobre o preconceito linguístico (Bagno, 2007). Adicionalmente, discorremos sobre o uso do LD e do MP como material auxiliar do professor (Lajolo, 1996; Nóbrega, 2008 e Marcuschi, 2003).

A metodologia segue uma abordagem qualitativo-interpretativa, para a qual recordamos algumas atividades apresentadas tanto no LD como no MP. Após a coleta dos recortes, em que alguns dos quais foram selecionados, produzimos uma descrição do modo como a variação linguística foi contemplada no LD e como o MP busca orientá-lo sobre esse conteúdo. Outrossim, apresentamos os aspectos que são considerados na análise desse material, com o propósito de verificar se o LD atende à BNCC.

Este artigo divide-se em três seções, além desta introdução. Na primeira seção, abordamos a teoria a ser sustentada na pesquisa, situando conceitos principais e explorando as variações, com um contraponto entre autores, com exemplificações. Na segunda, apresentamos a metodologia aplicada a análise e

a seleção do *corpus*. Na terceira, apresentamos a discussão dos dados com a conclusão.

APORTE TEÓRICO

Nesta seção, apresentamos os princípios teóricos que norteiam esta pesquisa. Primeiramente, apresentamos um esboço histórico da Sociolinguística. Depois, discutimos o apporte teórico oferecido pela teoria da Sociolinguística Variacionista, explorando os tipos de variação, a depender da região, da situação comunicativa etc., para a análise do *corpus*. Na sequência, abordamos o preconceito linguístico e “mitos” que cercam o ensino de língua materna, com considerações sobre os LD e os MP. Desse modo, destacamos a língua atrelada ao caráter social dela, no qual a Sociolinguística se apoia.

BREVE HISTÓRICO DA SOCIOLINGUÍSTICA

De acordo com Calvet (2002), para contextualizar a Sociolinguística, é preciso mencionar ponderações de Saussure (2006), para o qual deve ser priorizada a abordagem interna, de natureza estrutural, na observação de um cientista da língua, motivo por que Meillet (1916 *apud* Calvet, 2002), contemporâneo de Saussure, divergiu deste, ao acentuar que há de considerar o caráter social no estudo da língua, em que alterações dela ocorrem de acordo com as transformações sociais.

Posto isso, a partir da década de 1960, Labov (2008), baseando-se em noções de Meillet (1916 *apud* Calvet, 2002), afirma ser o objeto de estudo da língua a estrutura e a formação dela, na consideração do contexto social, segundo o qual

[Estaremos] preocupados com as formas das regras linguísticas, sua combinação em sistemas, a coexistência de vários sistemas e a evolução destas regras e sistemas com o tempo. Se não houvesse necessidade de contrastar este trabalho com o estudo da língua fora de seu contexto social, eu preferiria dizer que se trata simplesmente de linguística (Labov, 2008, p. 216).

Assim, diferentemente de Meillet (1916 *apud* Calvet, 2002), que trabalhou especialmente com línguas mortas, Labov (2008) pesquisou situações contemporâneas, a partir das quais nasceu a Sociolinguística Variacionista, a ser discutida.

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Considerando a abordagem laboviana, a Sociolinguística Variacionista possui princípios, entre eles a constatação de que a língua é heterogênea e ordenada, para o qual as variações, que também possuem regras, são inerentes às línguas, cuja heterogeneidade é aplicável à competência linguística do falante, capaz de utilizar, na fala, múltiplas variáveis. Assim, devemos considerar, também, que indivíduos variam na maneira de falar, independentemente de características sociais; logo, a fala difere.

Outro princípio é o de que fatores sociais e linguísticos relacionam-se e ao desenvolvimento da variação e mudança linguística; por isso, é defendida a inclusão de fatores extralingüísticos ao estudo de língua. Ademais, nem toda variação sofre mudança, mas toda mudança ocorre a partir de uma variação; logo, a existência de duas variantes com o mesmo valor semântico pode ou não indicar que uma delas cairá em desuso.

A variação linguística é um fenômeno capaz de se manifestar nos seguintes tipos: variação diatópica, diastrática, diacrônica, diamésica e diafásica. Vejamos na sequência.

Tipos de variação

Quadro 1 – Tipos de variação linguística: Ilari e Basso (2009), Camacho (2004) e Cereja e Vianna¹ (2022)

Tipos de variação	Ilari e Basso (2009) Camacho (2004)	Cereja e Vianna (2022)
Diatópica/ Diferenças de lugar ou região	Variação do mesmo idioma em espaços distintos, em regiões do mesmo país e em países diferentes, com casos morfossintáticos, semântico-pragmáticos, fonético-fonológicos e lexicais de variação diatópica. É possível, em alguns estados, o uso diferente de palavras: "abóbora" e "jerimum"; "mandioca" e "aipim"	Variação no modo, de falar relacionado ao lugar do qual a pessoa vem ou vive (estados diferentes, zona urbana e rural, determinadas áreas de cidades grandes)
Diastática/ Diferenças de classe social	Variação na fala de diferentes estratos sociais, considerando escolaridade, classe social, profissão e gênero; há casos fonético-fonológicos, morfossintáticos e lexicais, a exemplo de "nós cantamos" e "nós cantamo"	Modos de falar que variam quanto a diferentes classes sociais, com gírias específicas que costumam ser empregadas por determinados grupos sociais
Diacrônica/ Diferenças históricas	Variação que ocorre no decorrer do tempo, em um espaço de séculos ("vossa mercê" para "você") e em gerações que convivem entre si, com casos que envolvam morfossintaxe e o léxico, por conta de gírias que aparecam "antigas" para os jovens e caem em desuso. Na mesma medida, gírias atuais podem ser incompreensíveis para idosos	Pessoas de diferentes gerações possuem modos de falar distintos; línguas mudam com o tempo

1

Concernente ao exemplário apresentado, no LD sob análise (Cereja e Vianna, 2022), consta somente o exemplo da variação diafásica, o que fez com que acrescentássemos os linguistas Ilari e Basso (2009) e Camacho (2004), com exemplos mais bem definidos e esclarecedores.

Diamésica/ Diferenças entre a fala e a escrita	Variação entre a língua falada e escrita, com diferenças morfossintáticas, ocorrendo na fala de uma forma e na escrita de outra, a exemplo de "ne", na fala, e "não é", na escrita; além disso, o discurso é estruturado previamente; já a fala, não, pois ela é planejada à medida que é produzida	Uso de variedades distintas, por parte de uma mesma pessoa, ao empregar as modalidades oral e escrita da língua
Diáfásica/ Diferenças no grau de monitoramento	Variação relacionada à adequação do estilo de linguagem (in)formal ao contexto de comunicação, em que quanto mais formal o contexto, maior o monitoramento e o uso da norma culta, a exemplo de a pessoa dizer "Bom dia, como estão?" ou "E aí, beleza?"	Dependendo da situação de comunicação, uma pessoa usará a linguagem (in) formal, em maior ou menor grau de monitoramento, como, contando um fato a familiares (informal) e, contando-o numa reunião profissional, na qual existe menos intimidade com as pessoas

Fonte: elaboração própria, segundo estudos de Ilari e Basso (2009), Camacho (2004) e Cereja e Vianna (2022), 2025.

Considerando a presença desses tipos de variação em formas de falar e escrever, nem todos os exemplos de variedades são “recebidos” por outros falantes da mesma maneira, pois determinadas variantes são desvalorizadas pelas características sociais de quem as reproduz no cotidiano, com preconceito linguístico.

PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

A língua é um organismo vivo, dinâmico, que atesta a existência de um povo, refletindo não só a cultura, mas também a história dele. Por essa via, há de se considerar a não existência de uma única forma de falar, mas, sim, formas outras de uso da língua em múltiplos contextos sociocomunicativos, passando por mudanças e variações. Em que pese isso, na consideração do julgamento negativo sobre as variedades da fala e da escrita que fogem da forma dita padrão, surge o preconceito linguístico, uma desvalorização que traça

estereótipos relacionados à(ao) região de origem, classe social, gênero, escolaridade, entre outros.

Na esteira de Ilari e Basso (2009) e Bagno (2007), um dos mitos que mais servem como base para esse preconceito no Brasil relaciona-se ao errôneo fato de uniformizar o português brasileiro, para os quais se configura como um mito, por haver um alto grau de variabilidade dele, devido a inúmeros motivos, com distinção entre o português-padrão (norma-padrão e variedades de prestígio social) e as variantes do português não-padrão (estigmatizadas). Em vista do exposto, equaciona Bagno:

Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder [...] É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referência ideal (Bagno, 2007, p. 16-17).

Assim é que essa ridicularização com as variedades estigmatizadas não ocorre por razões linguísticas, mas, sim, políticas, pois a língua falada por pessoas de classe e escolaridade baixas sofre o preconceito que é direcionado a elas como seres sociais; logo, o preconceito linguístico não possui fundamento na linguística, é algo sociocultural, servindo como “uma forma de excluir o outro e de reforçar uma desigualdade percebida” (Ilari; Basso, 2009, p. 196).

Por isso, a escola e as aulas de língua portuguesa do ensino básico são de grande importância para esse assunto, pois elas têm o poder de perpetuar o preconceito linguístico, caso o ensino de língua seja baseado somente nas noções de “erro” e “acerto”,

segundo a gramática normativa, com a “supervalorização da nomenclatura”, e deixando de abordar o uso da língua em situações reais de comunicação.

Conforme o ponto de vista linguístico, a noção de “erro” é equivocada:

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização [...] A língua materna não é um saber desse tipo: ela é adquirida pela criança desde o útero (Bagno, 2007, p. 124).

Portanto, todo falante nativo do português conseguirá identificar a (a)gramaticalidade de um enunciado da própria língua, pois ele “possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento.” (Perini, 1997, p. 13 *apud* Bagno, 2007, p. 124).

Nesse seguimento, Bortoni-Ricardo (2004) afirma que os “erros” cometidos pelos alunos são explicados no sistema da língua e no processo evolutivo dela, motivo por que há como trabalhar esses “erros” com uma abordagem sistêmica. Na mesma linha de ideias, Bagno (2004) pontua que a escola precisa levar os alunos a ampliar a própria competência comunicativa, apoderando-se das regras linguísticas de prestígio, sem que desenvolvam uma inseguurança linguística ou desvalorizem as demais variedades.

Tendo em vista essa responsabilidade da escola quanto ao ensino de língua, os documentos parametrizadores da educação já sugerem que, tanto a variação como o preconceito linguístico, sejam abordados em sala de aula. Por esse motivo, é importante que tais conteúdos sejam apresentados, também, no LD de língua portuguesa, que, como discutiremos no item a seguir, assume a função de suporte didático-pedagógico do professor durante as aulas.

LD COM O MANUAL DO PROFESSOR: UM SUPORTE DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

Na sala de aula, o LD é um material auxiliar do professor, do qual ele pode se valer, de modo sistemático, organizando o ensino-aprendizagem, na busca por possibilitar um aprendizado mais efetivo e coletivo, por meio do qual os alunos têm acesso a diferentes textos e atividades, disponibilizado gratuitamente pelo PNLD para as escolas.

Se se considerar a importância do bom desempenho do professor na sala de aula, as editoras têm o cuidado de elaborar o MP para cada coleção publicada. Para Lajolo (1996), é necessário que ele não seja uma “mercadoria” para o leitor-professor, mas um material bem elaborado, que dialogue com o professor, num intercâmbio de troca de conhecimentos, contribuindo para que o aluno adquira conhecimentos dos conteúdos.

O MP, além de apresentar respostas aos exercícios, traz orientações teórico-metodológicas, para fundamentar os conteúdos abordados pelo LD e melhorar a postura do professor na docência, com sugestões de aulas baseadas nele e orientações do modo como o professor deverá desenvolver o trabalho. Nessa direção, pondera Nóbrega:

[acreditamos] que o MP, ao exercer a função de formação do professor, tende a caracterizar-se como um gênero que se encontra entre o discurso de divulgação científica e o de discurso de orientação pedagógica, uma vez que contempla subsídios, tanto teórico, (*sic*) quanto metodológico para a mudança de postura da prática docente em sala de aula (Nóbrega, 2008, p. 40).

Coadunando, em certa medida, com essa ideia apresentada por Nóbrega (2008), Marcuschi (2003) assevera que o MP deve alcançar o objetivo de contribuir como um instrumento que permita

ao docente um desempenho aperfeiçoado do papel profissional dele no processo de ensino-aprendizagem, por meio do diálogo entre a teoria e a prática.

De acordo com o edital do PNLD 2024-2027 (Brasil, 2022), para todas as disciplinas, espera-se que o MP, entre outras sugestões, possibilite:

- (i) contribuir para a autonomia do professor, na adoção de maneiras outras de apresentar e organizar os conteúdos a serem ministradas na disciplina;
- (ii) trabalhar, de forma efetiva, com habilidades e competências da BNCC;
- (iii) não contradizer o que é exposto no material para docentes e discentes;
- (iv) estimular o pensamento crítico-reflexivo e a pluralidade de ideias.

Posto isso, embora se deva reconhecer o potencial e a legitimidade didático-pedagógico do MP, não pode ser delegado a ele o “comando” das aulas, na determinação contundente de assuntos a serem ensinados, nem na maneira rígida como devem ser ensinados. Para Lajolo (1996), para assimilar um conteúdo novo, é essencial partir da realidade sociocomunicativa do aluno, condizente com o conhecimento de mundo deles.

Ainda sobre os LD, ainda que sejam essenciais ao bom andamento dos conteúdos, com aprovação criteriosa, antes da aprovação nas escolas, por vezes, há textos monótonos e atividades pouco produtivas, cabendo ao professor, nas palavras de Lajolo (1996, p. 8): “[substituir] exercícios e atividades, ou simplesmente apontar a irrelevância do tópico. Substituição e comentário serão educativos, na medida que (*sic*) estarão fazendo o aluno participar, de forma consciente, de uma situação de leitura crítica e ativa de um texto”.

Reafirmando o que foi dito, sobreleva-se o uso do LD como um material a ser elaborado cuidadosamente, na seleção de textos que contemplam a realidade sociocultural dos alunos, e de atividade condizentes com o conteúdo, não devendo jamais "substituir" o docente, sendo incapaz de apresentar todos os conteúdos de uma série de maneira detalhada, pois, para Lajolo (1996), até os melhores LD precisam sofrer adaptações quando do planejamento e da organização das aulas pelos professores.

No que se refere aos LD de língua portuguesa, é fundamental que todos mencionem no MP as competências e habilidades da BNCC referentes a linguagens e à língua portuguesa, aplicando-as às atividades e possibilitando ao aluno o acesso aos objetos de conhecimento sugeridos por esse documento. Por esse motivo, foram citadas na introdução deste artigo a BNCC e suas competências e habilidades para o ensino fundamental relacionadas aos estudos da variação linguística, que também são citadas no MP do LD sob análise.

Para que sejam feitas as considerações acerca do material elaborado por Cereja e Vianna (2022) como um suporte didático-pedagógico, explicamos, no item a seguir, a metodologia desta pesquisa referente ao LD sob análise, além de apresentar a maneira como a variação linguística é explorada nesse material e o modo como o MP auxilia os docentes a respeito da abordagem desse conteúdo em sala de aula.

METODOLOGIA

Metodologicamente, este trabalho segue uma abordagem qualitativo-interpretativista, que, segundo Creswell (2010) e

Saccol (2009), possibilita a análise e a interpretação, de maneira detalhada, de realidades sociais presentes em objetos de investigação, captando o que é mais significativo para alcançar os objetivos propostos. Nessa direção, partimos da Sociolinguística, fazendo alusão ao preconceito linguístico, de considerações da BNCC, do LD e do MP, para verificar se a abordagem proporciona compreender melhor a língua falada.

No material didático-pedagógico elaborado por Cereja e Vianna (2022), apresentamos a maneira como a variação linguística é explorada e o modo como o MP auxilia os docentes sobre esse conteúdo específico, para, depois, evidenciarmos o modo como o professor deve fazer. Dessa forma, buscamos mostrar que nem sempre o LD nem o MP dão conta de atender ao que foi proposto nem pelos autores nem pela BNCC.

Por conta disso, reiteramos que, embora tenhamos observado que o LD sob análise apresente a variação linguística com um conteúdo pontual, separando uma seção para a explicação desse fenômeno, na Unidade 1, intitulada *A língua em foco*, no segundo capítulo, da página 34 a 55, fora dessa seção, em todo o livro, há poucas questões desse conteúdo, motivo por que escolhemos analisar textos e questões da seção de acordo com os tipos de variação trabalhados no LD e apresentados no quadro 1 apresentado anteriormente.

Para fins de análise, como *corpus*, selecionamos a questão 2, da página 42, a questão 4, da página 47, e a questão 6, da página 48, além da explicação sobre os tipos de variação, presente na página 43, e a proposta de uma atividade complementar, da página LXXIV do MP.

Sobre as questões selecionadas, vejamos as seguintes considerações:

- (i) A questão 2 utiliza o trecho da transcrição de uma entrevista para trabalhar com as diferenças entre a fala e a escrita quanto à pronúncia das palavras, atentando-se à variação fonético-fonológica;
- (ii) A questão 4 trabalha com uma tirinha, com exemplos de variação no léxico de jovens, trabalhando com as diferenças no modo de usar a língua de acordo com a identidade social atribuída a um grupo;
- (iii) A questão 6 refere-se à variação lexical por lugar/região, na comparação de duas capas do mesmo livro infantil, uma do Brasil e outra de Portugal, para que o aluno explique o porquê de existir essa diferença no mesmo idioma.

Adicionalmente, na página 43, analisamos a explicação sobre os cinco tipos de variação, cotejando com a explicação de Ilari e Basso (2009) e Camacho (2004), que se encontra no quadro 1 supracitado, por meio da qual tecemos comentários sobre a eficiência dessa explicação para o entendimento desses tipos de variação, tanto na esfera social quanto linguística.

Para mais, selecionamos a única atividade complementar relacionada à seção, sugerida pelo MP, com referência à mesma tirinha da página 47, na qual o MP sugere que o docente proponha uma discussão coletiva com os alunos sobre as gírias presentes na tirinha, a partir de três perguntas relacionadas ao modo como gerações compreendem as gírias e usam-nas.

Tendo em vista a seleção do *corpus*, baseamo-nos em critérios de análise que se apoiam na Sociolinguística, em alguns parâmetros da BNCC e na elaboração de um LD, verificando: (i) tipos de variação, além da explicação sobre os cinco tipos, analisamos se são discutidos em toda a seção; inclusive, em questões; (ii) exploração de exemplos sobre variação, em diferentes gêneros textuais

e exercícios da seção; (iii) exercícios que abordem o preconceito linguístico; (iv) textos e exercícios que atendam ao que foi proposto pela BNCC quanto às habilidades e competências de linguagem mencionadas pelos autores do LD nessa seção; e (v) validade do MP, na verificação do atendimento dos critérios do PNLD.

Partindo dessas considerações, analisamos, na seção que se segue, o modo como a variação linguística se apresenta no LD *Português linguagens*, de Cereja e Vianna (2022), destinado a alunos do 6.º ano, na observância dos exercícios e do MP. Buscamos discutir se são ou não eficientes para a assimilação desse conteúdo, havendo ou não necessidade de passar por adaptações para a prática em sala de aula.

ANÁLISE DOS DADOS

Em *A língua em foco*, sobre variedades linguísticas, Cereja e Vianna (2022) buscaram trabalhar com os cinco tipos de variação, por meio de textos e atividades. Quanto à parte teórica, todos esses tipos foram conceituados pelos autores; contudo, nem todos foram devidamente abordados pelos exercícios da seção.

Por conta disso, percebemos que enfatizaram a variação entre a fala e a escrita (diamésica), mas, por outro lado, não houve questões voltadas a diferenças no grau de monitoramento (diafásica), em que, na competência específica de língua portuguesa de número 5 (Brasil, 2018, p. 87), mencionada na introdução deste artigo e pelo próprio MP ao início da seção sob análise, é esperado que o aluno aprenda a adequar diversos estilos de linguagem a diferentes situações comunicativas.

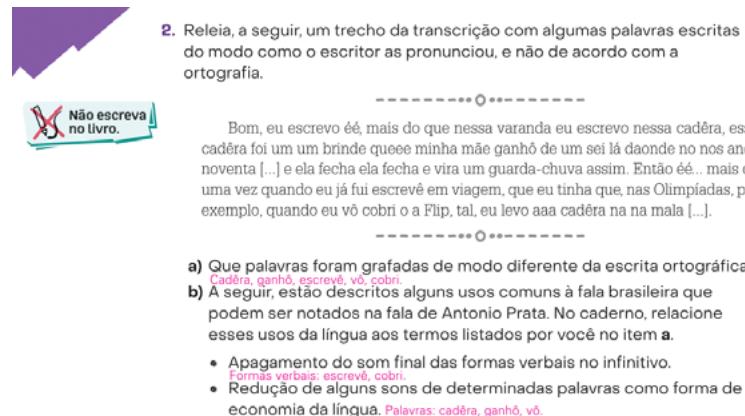
No que se refere aos exemplos de cada variação, o LD não apresenta exemplos linguísticos na definição de cada tipo,

como afirmamos na nota de rodapé do quadro 1 supracitado; há somente um exemplo de situação comunicativa nas diferenças de grau de monitoramento.

Logo, se o docente utilizasse apenas a conceituação desse LD para ministrar uma aula sobre os tipos de variação, o aluno poderia até compreender os fatores sociais desse fenômeno, mas seria prejudicado em relação ao entendimento de exemplos linguísticos, como um exemplo lexical de variação diafásica ou morfológico de variação diacrônica.

Os autores, portanto, preocuparam-se em apresentar exemplos somente por meio das atividades da seção. Vejamos a seguinte questão baseada no trecho de uma entrevista:

Figura 1 – Questão 2 da seção *A língua em foco*



2. Releia, a seguir, um trecho da transcrição com algumas palavras escritas do modo como o escritor as pronunciou, e não de acordo com a ortografia.

Não escreva  no livro.

Bom, eu escrevo éé, mais do que nessa varanda eu escrevo nessa cadêra, essa cadêra foi um brinde queee minha mãe ganhô de um sei lá daonda no nos anos noventa [...] e ela fecha ela fecha e vira um guarda-chuva assim. Então éé... mais de uma vez quando eu já fui escrevê em viagem, que eu tinha que, nas Olimpiadas, por exemplo, quando eu vô cobri o a Flip, tal, eu levo aaa cadêra que na mala [...].

a) Que palavras foram grafadas de modo diferente da escrita ortográfica?
Cadêra, ganhô, escrevê, vô, cobri
b) A seguir, estão descritos alguns usos comuns à fala brasileira que podem ser notados na fala de Antonio Prata. No caderno, relate esses usos da língua aos termos listados por você no item a.
• Apagamento do som final das formas verbais no infinitivo.
Formas verbais: escrevê, cobri.
• Redução de alguns sons de determinadas palavras como forma de economia da língua. *Palavras: cadêra, ganhô, vô.*

Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 42).

Na questão acima, utiliza-se a transcrição para exemplificar a variação diamésica, com a presença e a atenção do exercício ao priorizar exemplos fonético-fonológicos, figurando com a única atividade da seção que apresenta diretamente esse tipo de variação, por meio

da qual podemos verificar que outros exemplos aparecerão apenas no MP, para que o docente discuta com os alunos.

Em contrapartida, há um enfoque em exemplos lexicais, que apresentam, principalmente, as gírias, como na tirinha a seguir, que foi usada para a elaboração da questão 4 da seção.

Figura 2 - Tirinha de Fernando Gonsales, presente na seção *A língua em foco*



GONSALES, Fernando. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 30 ago. 2017.

Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 47).

Figura 3 - Questão 4 da seção *A língua em foco*

4. Você estudou que os modos de usar a língua podem variar conforme diferentes fatores.
 - a) Os indivíduos de qual grupo retratado na tira usam uma linguagem semelhante? *Os indivíduos do grupo dos micróbios.*
 - b) Que identidade é construída para esse grupo no contexto da tira? *Uma identidade jovem e descolada.*

Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 47).

Tanto a tirinha quanto a questão acima envolvem a variação que ocorre de acordo com grupos sociais (diastrática), nesse caso, as gírias atreladas aos jovens. Como o MP demonstra, são questões que não esperam respostas muito elaboradas ou reflexivas, assim como na questão 2. Como afirmamos anteriormente, a única atividade complementar dessa seção, sugerida pelo MP, também se refere a essa tirinha.

Figura 4 - Atividade complementar da seção *A língua em foco*, no MP

Exercícios

Atividade complementar

Proponha à turma uma discussão sobre as gírias empregadas pelos personagens da tira de Fernando Gonsales por meio das seguintes perguntas:

- Vocês consideram que essas gírias são usadas por sua geração? Com o mesmo sentido que parecem ter na tira? Expliquem.
- Se não são usadas, conhecem quem as use? Compartilhem com os colegas.
- Há outras gírias que vocês e seus amigos usariam com o mesmo sentido? Em caso positivo, quais?

Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. LXXIV).

Embora seja uma atividade complementar, o foco continua sendo o léxico e a proposta resume-se a uma discussão coletiva que objetiva a escuta de respostas pessoais. Não há uma metodologia diferenciada ou mais produtiva que faça o aluno aprofundar-se nas noções de variação diastrática, que também foi pouco abordada pela seção.

Não é problemático trabalhar com o léxico no tratamento da variação no ensino de língua; porém, enfatizá-lo em detrimento de exemplos fonético-fonológicos ou morfossintáticos impede o maior contato do aluno com os fatores internos da língua, já que, conforme Coelho *et. al.*:

Vale ressaltar que, na classificação dos dialetos em geral, os aspectos lexicais são menos sistematizáveis do que os fonético-fonológicos, morfológicos ou sintáticos, visto que esses últimos são condicionados por fatores internos, além dos externos, enquanto os lexicais estão intimamente ligados a fatores extralingüísticos, de caráter cultural, sobretudo etnográficos e históricos (Coelho *et. al.*, 2012, p. 52).

Portanto, uma abordagem mais aprofundada de fenômenos fonético-fonológicos e morfossintáticos da variação linguística ajudaria os discentes a se apropriar com mais autonomia da linguagem escrita e usar, de forma mais consciente, a norma-padrão em situações nas quais ela precisa ser usada, como propõe a competência 2, específica de língua portuguesa (Brasil, 2018, p. 87), e a habilidade EF69LP56 (2018, p. 161), também citados pelo MP na seção *A língua em foco*.

Exemplos de diferenças de lugar/região (diatópica) também aparecem por meio de algumas questões da seção, igualmente, usando exemplos lexicais. A questão a seguir compara capas de livros da mesma história infantil, alterando apenas o título.

Figura 5 - Questão 6 da seção *A língua em foco*



Fonte: Cereja e Vianna (2022, p. 48).

Em termos de variação diatópica, observamos que o LD explica nos textos e explora nas questões a variação entre países que falam o mesmo idioma, como apresentado no exercício acima. É importante que essa diferença linguística entre países e continentes seja discutida; entretanto, com base em toda a seção analisada, vimos

que os autores privilegiaram essa abordagem, enquanto a variação entre regiões brasileiras foi esquecida nos textos expositivos da seção e desenvolvida somente em uma questão de resposta pessoal sobre a pronúncia de determinadas palavras na entrevista da página 42.

Ainda no que diz respeito à ausência de certos aspectos ligados à variação nessas atividades, a discussão sobre o preconceito linguístico e o respeito às variedades também é pouco notada. No eixo de ensino de análise linguística/semiótica, a BNCC (Brasil, 2018, p. 83) afirma que, além de garantirmos que o aluno conheça a definição desse preconceito, devemos “Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica”.

Embora seja separado um item na página 45 para conceituar essa problemática e, em alguns breves momentos da seção, o MP oriente o docente a reiterar que as diversas pronúncias de palavras devem ser respeitadas, em toda a seção *A língua em foco*, não há exemplos esclarecedores de situações de preconceito linguístico, nem exercícios que incentivem o aluno a refletir sobre como essa atitude pode prejudicar a identidade e a autoestima de alguém que se comunica por formas variáveis estigmatizadas.

Ou seja, apesar de o LD relativamente possibilitar o alcance da habilidade EF69LP55 (Brasil, 2018, p. 161), em que o discente pode reconhecer as variedades da fala e o conceito de preconceito linguístico, questionamos o alcance da competência 4 (Brasil, 2018, p. 87), sobre “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos”.

Dessa maneira, percebemos que ainda há inconsistências quanto ao que é oferecido pelo LD de língua portuguesa em relação à variação linguística, tendo em vista a transposição didática da Sociolinguística, os parâmetros da BNCC e o que é proposto pelo próprio MP sob análise, que buscou seguir os critérios do PNLD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em razão da importância de aulas de português realizadas sob um viés sociolinguístico, que visam enriquecer a competência linguístico-comunicativa de alunos do ensino básico, e da presença constante do LD nas salas de aula de escolas brasileiras, procuramos analisar o modo como esse material didático-pedagógico se relaciona com o tratamento da variação linguística atualmente, verificando a abordagem do LD *Português linguagens*, destinado ao 6º ano e aprovado para uso nas escolas a partir de 2024.

Sabendo que o LD e o MP, de modo geral, possuem limitações quanto a qualquer conteúdo e sempre precisa de adaptações por parte do professor regente, como afirma Lajolo (1996), nossa análise apresentou que, embora seja aprovado pelo PNLD, o material de Cereja e Vianna (2022) necessita sofrer adaptações significativas ao ser aplicada em sala de aula, pois foram notadas algumas ausências de elementos importantes para a abordagem da variação linguística no ensino fundamental.

Por meio da metodologia qualitativo-interpretativista desta pesquisa e das páginas e questões do LD selecionados como *corpus*, observamos que os cinco tipos de variação possuem definições apresentadas aos alunos, todavia, nem todos são bem explorados nos exercícios da seção sob análise. Outrossim, os autores do LD exemplificam esses fenômenos nas atividades e em diferentes gêneros textuais, de modo a privilegiar a variação lexical em detrimento de outras variações fonético-fonológicas ou morfossintáticas. Notamos, também, a falta de exercícios sobre o preconceito linguístico na seção analisada, apesar do conceito apresentado ao aluno.

Respondendo ao problema de pesquisa, vimos que, embora os autores, no MP mencionem as competências e habilidades da

BNCC que a seção promete desenvolver no aprendizado do aluno, na prática, o LD não consegue propiciar o alcance de todas essas habilidades e competências, motivo por que o material, considerando o MP, também não cumpre plenamente alguns critérios do PNLD, evidenciados anteriormente neste artigo.

Quanto às hipóteses, tendo em vista a atualidade do LD de Cereja e Vianna (2022), tínhamos altas expectativas, pois, nos últimos anos, a Sociolinguística tem ganhado mais espaço em discussões referentes ao ensino de língua e várias pesquisas acadêmicas das áreas de linguística e literatura tem utilizado suportes didático-pedagógicos como *corpus*, muitas vezes, verificando a eficiência dos textos e atividades presentes. Entretanto, as hipóteses desta pesquisa foram refutadas.

A variação diatópica em diferentes regiões brasileiras foi mencionada em apenas uma questão e não chegou a ser tratada nas explicações teóricas do LD, sem ênfase. Além disso, como afirmamos, o material explica a existência do preconceito linguístico, mas não o exemplifica devidamente, nem traz exercícios que possam provocar discussões. Concernente à hipótese sobre o MP, foi elaborada uma atividade complementar referente a essa seção, contudo, não se trata de uma atividade dinâmica ou diferenciada do que o LD comumente propõe ao aluno.

Embora tenhamos restringido esta pesquisa à análise de apenas uma seção do LD, os resultados ajudam-nos a entender que, apesar dos parâmetros da BNCC influenciarem esses materiais a inovar o ensino de língua por meio da inclusão de conteúdos relativos a teorias como a Sociolinguística, que entende a importância de fatores sociais para o funcionamento da língua, porém, sem ignorar os fatores linguísticos, o LD ainda precisa atualizar o modo como abordar tais conteúdos, já que as atividades dele, na maioria dos casos, são pouco produtivas, fazendo com que os alunos apenas conheçam novos conceitos superficialmente ou

identifiquem exemplos. Logo, não é garantido o alcance efetivo de competências e habilidades importantes para uma educação linguística adequada.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BAGNO, M. Por uma sociolinguística militante. In: BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 7-10.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_site.pdf. Acesso em: 20 abr. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Edital de convocação 01/2022 - CGPLI**. Brasília: MEC/FNDE, 28 mar. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas-programas-do-livro/consultas-editais/editais/pnld-2024-2027/EditalPNLD2024.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, R. G. Norma culta e variedades linguísticas. In: **Pedagogia cidadã**: cadernos de formação. Vol. 1. São Paulo: UNESP, Pró-reitoria de Graduação, 2004. p. 34-49.
- CEREJA, W.; VIANNA, C. D. **Português linguagens**: 6.º ano. 11. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2022. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/colecao/portugues-linguagens-objeto-1-pnld-2024-anos-finais-ensino-fundamental/?object=0>. Acesso em: 24 abr. 2024.
- CEZÁRIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.

COELHO, I. L. et. al. (org.) **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos e a língua que falamos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAJOLO, M. P. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em aberto**. Brasília, v. 16, n.º 69, p. 3-9. 1996. Disponível em: http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B5F8D6FDF-2BF0-476F-9271-88ADE36BAD1A%7D_Em_Aberto_69.pdf. Acesso em: 25 maio 2025.

MARCUSCHI, E. Os destinos da avaliação no manual do professor. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (org.). **O livro didático de português**: múltiplos olhares. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 139-50.

NÓBREGA, G. S. **Manual do professor de língua portuguesa**: da caracterização do gênero à leitura dos professores. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) - Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, 2008. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/1669>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SACCOL, A. I. C. Z. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 250-269, mai/ago, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reau fsm/article/view/1555/863>. Acesso em: 30 out. 2025.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Eloá Melo de Moura

Graduada em Letras Português na Universidade Estadual de Montes Claros.

E-mail: elomm273@gmail.com

Arlete Ribeiro Nepomuceno

Professora Doutora do Departamento de Comunicação e Letras e do Programa do Mestrado Profissional em Letras na Universidade Estadual de Montes Claros.

E-mail: arletenepo@gmail.com

Vera Lúcia Viana de Paes

Mestra em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: verapaes2@gmail.com

Maria Clara Gonçalves Ramos

Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Santa Maria.

E-mail: mariclararamos43@gmail.com